



QUESTÕES IDENTITÁRIAS EM TENDA DOS MILAGRES

Bárbara Poli Uliano Shinkawa¹

Resumo: A obra de Jorge Amado, *Tenda dos milagres*, tornou-se célebre por expor dilemas sociais, religiosos e, especialmente, por debater a questão da mestiçagem e o lugar dos mestiços na sociedade. Assim que se inicia a leitura do livro, percebe-se que o assunto mestiçagem e, conseqüentemente, questões acerca da identidade, vão sendo construídas e consolidadas gradativamente. Esses temas acabam por constituir a trajetória de grande parte dos personagens, se não, todos. Tendo isso em vista, interessa a este trabalho a análise de momentos importantes e peculiares providos pelo romance sobre a identidade. Tal estudo observa que as questões de construção identitária, a afirmação e/ou a negação da identidade, entre outros aspectos, são pontos de relevante importância e suporte para a narrativa de Amado.

Palavras-chave: Identidade; Construção identitária; Jorge Amado.

O romance *Tenda dos milagres* se tornou uma das mais conhecidas obras do baiano Jorge Amado e, por isso, vários estudiosos já se debruçaram sobre o livro². O escritor, conhecido por colocar a Bahia, sua cultura e seus mistérios, em seus trabalhos, também adquiriu notoriedade ao tratar de assuntos um tanto quanto delicados e polêmicos em suas produções.

Em *Tenda dos milagres*³, Amado desenvolve vários assuntos em um enredo em que o real é maravilhoso e por isso, os orixás acabam por se tornar presença marcante na vida dos personagens⁴. O livro se destaca por ter a mestiçagem como um de seus destaques. Também há a abordagem da vida sofrida de pessoas à margem da sociedade constituída, as perseguições e a intolerância religiosa sofridas por essas mesmas pessoas que coincidentemente são mestiços e pobres.

¹ Estudante de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Docente do Instituto Federal do Paraná, campus Paranavaí (IFPR). E-mail: barbara.poli@ifpr.edu.br

² Como Oliveira, (2006); Goldstein, (2002); Prandi, (2009); Schwarcz, (2009) entre outros.

³ Doravante TM.

⁴ Cf. Prandi (2009); Schwarcz (2009).



Neste trabalho, para tratar da questão da identidade e seus desdobramentos, utilizamos como suporte teórico os trabalhos de Hall, Adolfo e outros pesquisadores para analisar situações interessantes à questão identitária. Em especial, neste caso, será abordada uma situação envolvendo o personagem Pedro Archanjo.

Assim, pensar em como a identidade, sua construção, afirmação e/ou negação se torna parte integrante, podemos dizer, essencial para o desenvolvimento do enredo construído por Jorge Amado, é o intento deste artigo.

Tenda dos milagres

A história é dividida em dois planos temporais: um no “presente” e o outro no “passado” transmitindo a trajetória de Pedro Archanjo, sendo esse momento vivenciado pelo personagem ainda vivo. O “presente” se passa no ano 1968 e traz o contexto da descoberta da obra de Pedro Archanjo por Levenson, homem das ciências, Prêmio Nobel, e toda a badalação provocada pela chegada desse ao Brasil para “avisar” aos brasileiros baianos que eles tinham um grande estudioso – Pedro Archanjo. O enredo se faz tendo como pano de fundo a censura do momento ditatorial que influencia, inclusive, os eventos que a alta sociedade baiana organiza para celebrar o centenário do agora ilustre cidadão Pedro Archanjo. Vale lembrar que até então, os mesmos festivos cidadãos nem sabiam da existência do homenageado.

Todo o texto que envolve os preparativos é marcado por uma ironia que chega, muitas vezes, a debochar das superficiais figuras humanas. Tal ironia é ainda acentuada quando o narrador ressalta as boas intenções dos que compõem o grupo seleta da sociedade da Bahia. É interessante notar o papel legitimador de Levenson, do elemento que possui “autoridade” para dizer o que é ou não “bom”. Acerca disso, Pierre Bourdieu destaca que “pelo fato da dessimetria da situação de pesquisa e de sua posição social, [o pesquisador] está investido de uma autoridade que facilita a imposição da legitimidade” (BOURDIEU, 2007, p. 298). É só a partir disso, da palavra legitimada de Levenson, por exemplo, que Pedro Archanjo é lembrado.



O segundo plano narrativo ressalta a trajetória de Archanjo. As aventuras amorosas, os vários filhos, os enfrentamentos sociais e religiosos passados pelo Ojuobá – os olhos de Xangô. Como pano de fundo, as teorias raciais e a supremacia da medicina, por meio dos médicos, estabelecendo-se como a única, se não única, mas a melhor detentora de saídas e resoluções para as questões raciais, conseqüentemente, naquele momento, sociais. O enredo acaba por construir lados opostos, uma espécie de bem contra o mal. Entendemos essa situação como um recurso lançado pelo autor, Jorge Amado, para o desenvolvimento da narrativa e dos assuntos trazidos por ela.

A intolerância aos mestiços e tudo a que se refere a eles é o mote da pendenga entre o bedel da faculdade, Pedro Archanjo, e o lente⁵, Nilo Argolo representando no livro o famoso médico Nina Rodrigues⁶, mas com uma boa dose do Conde (de) Gobineau.

O conflito, mais especificamente, surge entre os dois, porque Archanjo produz um livro sobre os encontros raciais das famílias baianas da alta sociedade. Nilo Argolo, sendo um dos representantes da classe alta, não aceita sua origem mestiça. Assim, se dá início a uma intensa batalha ideológica e verbal para, de um lado esmagar o preconceito racial e religioso, do outro, aniquilar a voz estridente da multidão menosprezada.

A identidade e seus desdobramentos

Há várias cenas e situações do livro que mereceriam análise no que tange as questões de identidade. No entanto, para este artigo, escolhemos uma em especial, que como outros momentos, torna-se importante para o assunto abordado.

Antes de prosseguirmos, são necessárias algumas considerações sobre o autor do livro, para efeito de melhor entendimento das situações a serem expostas, afinal Jorge Amado gostava de afirmar que era um contador de histórias do povo e o que escrevia apresentava

⁵ Segundo Tura (2010), há um decreto de 11 de agosto de 1827 que atribui como “lente” aquele que, se alcançado o título de doutor, candidatasse e fosse escolhido para o que hoje se entende como livre-docente. Disponível em: <http://por-leitores.jusbrasil.com.br/noticias/1682209/doutor-e-quem-faz-doutorado>. Acesso em 10 janeiro 2015.

⁶ Entre outros autores, Goldstein (2002) e Schwarcz (2009) se referem a essa representação. No entanto, é possível encontrar trabalhos que falem de Nilo Argolo como representante de Gobineau ou também de Gobineau. Cremos que ele seja um personagem representativo dos dois e que Gobineau se sobressai.



muito do que ele vivenciou. O escritor revelou esses detalhes de sua criação a muitos entrevistadores, como Alice Raillard: “Creio que em todos os meus [...] livros meus personagens, meus heróis sempre têm algo a ver comigo” (RAILLARD, 1990, p. 47).

Dentre outros aspectos que fizeram Jorge Amado um artista de renome, sem dúvida, é bastante interessante analisar a relação dele com o povo, em especial, o da Bahia. Amado sempre se definiu como alguém do povo e para o povo, suas preocupações sociais reveladas em meio aos seus romances, são amostras da ligação do escritor com as pessoas. Essa impressão também é compartilhada por Mario Vargas Llosa em depoimento acerca de seu encontro com o escritor baiano:

No início da década de 80, estive em Salvador para os 70 anos de Jorge Amado e fiquei maravilhado com o entusiasmo com que o povo das ruas comemorava a data. Sabia que ele era uma pessoa popular na cidade que sua fantasia e sua prosa tornou famosa no mundo, porém jamais imaginei que esse prestígio encontrasse raízes em todos os setores da sociedade, começando pelos mais pobres, onde é improvável que leiam seus livros. Que terra original pensei, onde os escritores são tão famosos quanto os jogadores de futebol. Mas não eram os escritores: era Jorge Amado. Não estou exagerando (LLOSA, 1997, p. 37).

O povo, um personagem constante nos livros de Amado, é retratado e representado por pessoas pertencentes tanto à classe mais baixa quanto a mais alta. Mas, o olhar amadiano sempre foi ao povo (sofrido, como Jorge Amado dizia) da Bahia que é, na maioria das vezes, encarado como sendo também a representação do povo brasileiro, como já puderam observar alguns pesquisadores. Para Sérgio Paulo Adolfo,

Jorge Amado como bom baiano e brasileiro é também um apaixonado pelas manifestações e realizações do povo descendente de africanos. Autor muito polêmico, adorado pelas massas baianas, como cidadão de destaque, faz parte do Opô Afonjá como um dos ministros de Xangô, desprezado pela crítica universitária, repudiado pelos intelectuais negros é, no entanto, o mais lido dos nossos autores fora de nossas fronteiras. Mestre Jorge talvez seja quem melhor evidencia a nossa verdadeira face, ao mesmo tempo, negra, branca e índia, num país que teima em ser europeu (ADOLFO, 2000, n. p.).



Como mesmo revelou Jorge Amado, todos os personagens dele, trazem alguma marca da personalidade amadiana. Em Pedro Archanjo, a popularidade será uma marca essencial à construção desse personagem.

Pedro Archanjo figura no livro como uma espécie de enviado para trabalhar na questão da mestiçagem. A sua construção envolve elementos sobre-humanos e é essa magia entre homem e orixás que irá garantir sucesso ao, depois, mestre Archanjo.

Jorge Amado, sempre que teve oportunidade, deixou clara sua posição extremamente a favor quanto à mestiçagem. Para ele, como para Freyre, a miscigenação só poderia gerar bons frutos, ainda mais em se tratando de Brasil. Como um bem-nascido, porque misturado, Pedro, praticamente, recebe a incumbência de acabar com a intolerância racial e religiosa.

Assim, vale a pena refletir acerca da construção de Pedro Archanjo. Ele é apresentado no enredo da seguinte maneira:

[Pedro Archanjo] escrevera quatro livros, debatera teorias, polemizara com os sábios da época, negara a pseudociência oficial, contra ela levantando para destruí-la. [Era] um velho tio de muita sabedoria e esperteza, de bom conselho e experiência, conversador de fama, bebedor de marca, mulherengo até o fim, pródigo fazedor de filhos, preferido dos orixás, confidente dos segredos, um velho tio do maior respeito, quase um feiticeiro, Ojuobá (AMADO, 2008, p.44).

Pelo transcrito, já podemos perceber o quão especial Pedro Archanjo se faz. Logo de início, a referência ao seu esforço no mundo do conhecimento, no sentido desmitificar e esclarecer noções absurdas sobre quem eram os mestiços e negros naquele momento. Como já posto, Archanjo, mesmo sem integrar um local oficial do saber, consegue, autodidata que era, ter acesso a “instrumentos científicos” como os livros e orientações de amigos lentes, como o professor Silva Virajá.

Como representante de seu povo e como forma de defender e de se fazer respeitar sua identidade, Archanjo transitará nos meios “oficiais” e legitimadores imprimindo sua cultura e crença. Não à toa é querido de Exu, porque se torna o mensageiro, além de grande namorado e é Ojuobá, os olhos de Xangô, orixá da justiça, para que essa se faça aos negros e



especialmente aos mestiços (mulatos) pobres, ditos “degenerados” por Nilo Argolo e seus asseclas.

Em vários momentos, é possível efetuar recortes sobre questões identitárias envolvendo Pedro Archanjo. Talvez uma das mais importantes, ocorra no terreiro durante mais uma invasão violenta de Pedrito Gordo e seus brutamontes.

É interessante pensarmos, antes de descrever o episódio ocorrido no terreiro de Procópio, que Pedro Archanjo com o conhecimento popular associado ao científico irá combater dois representantes radicais (Pedrito e Nilo Argolo) das teorias racistas pertencentes a duas instituições, as faculdades de direito e medicina que nos fins do século XIX aos primeiros trinta anos do século XX exerceram com seus estudos grande influência na organização do país.⁷ Pedro acaba por se transformar em alguém indesejável por abalar antigas estruturas já consolidadas, em que desde sempre, os mesmos (“pobres, pardos e paisanos) são os oprimidos e outros são opressores. É justamente contra esse “mesmo jeito”, que Archanjo se rebelará. Para Hall:

A questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social [...] As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo amplo mais amplo de mudança, que está deslocando estruturas que davam uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2011, p.07).

Ainda que com um pouco de exagero em sua construção, Pedro Archanjo é apresentado, pelo enredo, como o único capaz de demover os limites tão fixamente impostos entre os que são considerados superiores e inferiores, seja no quesito raça, cultura ou classe social. Ele deslizará nos campos sociais⁸ disponíveis para tentar resolver, demolir um muro

⁷ Vide Lilia Schwarcz. *O espetáculo das raças*. (2012).

⁸ Conforme Bourdieu (2007) explica, os campos sociais são mercados que legitimam e se fazem favoráveis às mais diversas competências culturais. Archanjo tenta ser legitimado e legitimar sua cultura, no entanto, ainda que repudiado, pelo seu esforço de autodidata, Pedro se legitima, mesmo que contra a vontade de alguns, como Nilo Argolo. Mas a ironia disso está na aceitação do trabalho de Archanjo, em partes e de forma deturpada, pela elite baiana, anos depois da morte do mestre. Isso somente se dá após a palavra legitimada de Levenson, um prêmio Nobel de Ciências Sociais ressaltando a importância da obra de Archanjo.



construído à base de preconceitos. Mas, inúmeros obstáculos lhe serão imputados e Pedro sofrerá as consequências de mexer em estruturas centenárias.

A situação ocorre no terreiro de Procópio que desafia as ordens de Pedrito Gordo, delegado adjunto, que se auto intitulou representante dos bons costumes morais, da família e da ordem. Gordo, apoiado por Nilo Argolo e outros figurões da cidade, se tornou o maior inimigo do povo de santo.

Intuindo que Procópio não se daria por vencido, Pedrito e seus comparsas ficam atocaiados esperando que algo acontecesse para que eles pudessem fazer o que melhor executavam: espancar.

Logo após o início da cerimônia, o delegado com seus capangas, um deles Zé Alma Grande, adentra o terreiro proclamando a sentença de morte a Procópio. Pedro Archanjo reconhece Zé. Ele fora Zé de Ogum, antes de ser impedida a sua entrada no terreiro por Mãe Bassã.

A tragédia estava anunciada. Entretanto, Pedro, com olhos de Xangô, percebe algo diferente. Oxóssi, o rei e guerreiro da selva, na pessoa de Procópio, mantém-se firme diante da investida da corja de Pedrito, que por sua vez, representada por Zé Alma Grande, investe em Procópio. Nesse instante, Archanjo, sendo o Ojuobá ou o próprio Exu profere as mesmas palavras que Mãe Majé Bassã lhe contara. O fato é que Zé é tomado pelo santo e acaba com a valentia de Pedrito e seu bando: mata um e deixa outro desacordado.

Diante disso, Pedrito Gordo não teve alternativa: correu covardemente. Pediu demissão da polícia e viajou para Europa com o pretexto de estudar. A notícia correu pela cidade e chegou até a tenda de Lídio e Archanjo. Pedro comentando com seu amigo sobre os acontecimentos fala sobre o futuro:

Um dia vai se acabar, meu bom, não será no nosso tempo, camarado. Vamos morrer brigando, na briga nos divertindo. Pedrito na frente, na corrida, Ogum atrás, as mãos de cobras, deixe-me rir, compadre, coisa tão engraçada nunca vi. Vamos morrer brigando. Jovens e afoitos, meu bom. Fit-o-fó para a polícia, viva o povo da Bahia! (AMADO, 2008, p. 243).



A cena ocorrida mostra o forte vínculo de Archanjo com seu povo, com suas origens. Na verdade, o compromisso assumido pelo Ojuobá com seu povo. Dessa forma, ainda que Archanjo se diga um tanto incrédulo quanto ao candomblé, ao ser inquirido pelo professor Fraga Neto sobre como um homem de ciência poderia crer em tais ritos, Pedro Archanjo reafirma sua identidade mestiça, já que o “homem antigo”, o que crê em seus ancestrais africanos, vive no homem da ciência:

Meu materialismo não me limita [...] Sei de ciência certa que todo sobrenatural não existe, resulta do sentimento e não da razão, nasce quase sempre do medo. No entanto, quando meu afilhado Tadeu me disse que queria se casar com moça rica e branca, mesmo sem querer pensei no jogo feito pela mãe de santo no dia em que ele se formou. Trago tudo isso no sangue, professor. O homem antigo ainda vive em mim, além de minha vontade. Agora eu lhe pergunto, professor: é fácil ou é difícil conciliar teoria e vida, o que se aprende nos livros e na vida que se vive a cada instante?
— Quando se quer aplicar as teorias a ferro e fogo, elas nos queimam a mão. É isso que você quer me dizer, não é?
— Ouça, meu bom, um dia os orixás dançarão nos palcos dos teatros. Eu não quero subir, ando para a frente, camarado. (AMADO, 2008, p. 247-248).

Archanjo esclarece que “anda para a frente”, ele está sempre aberto a novas experiências e aprendizados, porém, isso não significa perder de vista o legado, no caso africano. Como um mestiço, de certa maneira, idealizado, Pedro mantém a ideia da mistura, da interpenetração, do sincretismo mesmo, em tudo o que lhe diz respeito. O Ojuobá exemplifica o que Hall (2011, p. 39), fala sobre a identidade não estar pronta totalmente, de ela viver em um contínuo processo de modificação e apreensão:

em vez de falar da identidade acabada, deveríamos falar da *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nos imaginamos ser vistos por *outros*. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude



Considerações finais

Em TM, Jorge Amado procurou ressaltar vários temas que defendia, em especial, a valorização da cultura afro-brasileira. Desse modo, elegendo o sincretismo⁹ como um de seus personagens mais caros, Amado desenha imagens ricas de realismo maravilhoso¹⁰ e sustentadas pela mistura entre África e Brasil.

Mesmo sem querer ser intérprete de nossa nação, como lembra Schwarcz (2009), Amado sempre nos interpretou, especialmente quanto às nossas misturas, brasileiras e africanas, gerando, normalmente frutos genuínos e é possível pensar sobre isso, quando nos deparamos com Pedro Archanjo, mas também com outros personagens.

Se Archanjo, em alguns momentos, reage tempestivamente para garantir e mostrar quem é, próprio de sua personalidade tendo como orixá Xangô¹¹ e sendo querido igualmente por Exu, isso se deve à influência do santo, do homem antigo ainda que haja o homem da ciência. Crença e ciência, as duas marcam a identidade mestiça de Pedro e de maneiras diferentes. De fato, o encaixe das diversas influências formadoras de Archanjo é que se tornam interessantes em sua trajetória de mestiço.

Ao modo de Jorge Amado, os frutos das misturas são diferentes, mas semelhantes e mostram um ideal dessa união na visão do autor. Em seu momento, como também atesta Adolfo (2000), é importante ressaltar que Amado expressou uma possibilidade do perfil do povo do Brasil, tão diverso e, ao mesmo tempo, tão único pelo fato de ser brasileiro.

Referências

ADOLFO, Sérgio Paulo. A contribuição iorubana na ficção de Jorge Amado. In: *X Congresso da ALADAA*. Rio de Janeiro, 2000.

AMADO, Jorge. *Tenda dos milagres: uma história de feitiçaria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁹ Schwarcz (2009), fala do uso do sincretismo, por Jorge Amado, como provedor de uma nova religião.

¹⁰ Prandi (2009), Schwarcz (2009) e outros autores apontam para essa característica.

¹¹ É interessante ressaltar esse detalhe, pois, como Prandi (1991), coloca no livro *Os candomblés de São Paulo*, o orixá interfere na personalidade de seus filhos.



BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. Uma leitura antropológica de Jorge Amado: dinâmicas e representações da identidade nacional. *Diálogos Latinoamericanos*, 2002, p. 109-133.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011

LLOSA, Mario Vargas. Depoimento. In: *Cadernos de Literatura Brasileira: Jorge Amado*. São Paulo, 1997, p. 37-40.

OLIVEIRA, Humberto Luiz Lima de. Jorge Amado e a Releitura da formação identitária brasileira. Uma leitura em *A tenda dos milagres*: por um outro conceito de mestiçagem. In: *Babilônia*, n.4, 2006, p. 09-29

PRANDI, José Reginaldo. *Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova*. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

_____. Religião e sincretismo em Jorge Amado. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz.; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. (Org.). *O universo de Jorge Amado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 46-61. Disponível em: < <http://www.jorgeamado.com.br/professores.php>> Acesso em: 23 abril. 2014.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Rio de Janeiro: Record, 1990.

SCHWARCZ, Lilian Moritz. O artista da mestiçagem. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. (Org.). *O universo de Jorge Amado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009 p. 34-45. Disponível em: < <http://www.jorgeamado.com.br/professores.php>>. Acesso em: 23 abr. 2014.

TURA, Marco Antônio Ribeiro. Doutor é quem faz Doutorado. Disponível em: <http://porleitores.jusbrasil.com.br/noticias/1682209/doutor-e-quem-faz-doutorado>. Acesso em 10 janeiro 2015.